



UM VELHO DEFENSOR DO CAFÉ E OS ANTIGOS COMISSÁRIOS

Antonio de Queirós Telles, antigo responsável por esta revista, é daqueles que sentem a correr nas suas artérias o líquido aromático e generoso que fez a grandeza deste país e, sem embargo, tem sido tão destruído pelos seus coetâneos. Realmente, Antonio de Queirós Telles tem todo um passado ligado ao café. Representante da velha copa paulista, íntegra a constelação de nomes que compõem a elite dirigente da Sociedade Rural Brasileira, da qual é presidente honorário, por sugestão de Salvo de Almeida Prado e reconhecimento dos seus pares. O velho líder do café, representante de valorosa estirpe paulista, acompanhou o saudoso Eduardo da Fonseca Cotching, seu amigo, na fundação da tradicional entidade. Tendo estudado nos Estados Unidos e ali residido durante cinco anos ponde observar de perto o maior mercado cafeeiro do mundo. Ex-presidente da Sociedade Rural Brasileira, tendo acompanhado o seu progresso desde os seus primeiros passos, com Eduardo Prates, Sampaio Vidal, Arthur Diederichsen, Alberto Whately, e tantos outros (seria longo enumerar) jamais deixou de ser um lúcido estudioso dos problemas nacionais.

O JORNAL dedicou uma edição especial ao bi-centenário da introdução do café no Brasil. Antonio de Queirós Telles colaborou nessa edição, que posteriormente — 1934 — foi publicada em dois alentados volumes pelo Departamento Nacional do Café.

Sob a epígrafe «Sistemas adotados pelos fazendeiros de S. Paulo na venda do café trata, também, da ação negativa e positiva do Instituto no desenvolvimento da lavoura paulista. Publicamos, adiante, a parte introdutória do trabalho estampando às páginas 465 e seguintes:

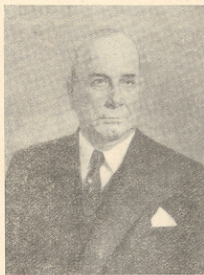
“O COMISSÁRIO”

O sistema geral de venda do café no Estado de S. Paulo, desde os mais remotos tempos a que nos chega a tradição, era, depois de transportado o produto ao porto do mar, consigná-lo a um comerciante que, por uma comissão sobre o valor da venda, transferia-o a um exportador, que, por sua vez, o colocava no mercado consumidor.

Era, embora em estado rudimentar, o mesmo comerciante que hoje designa-

mos por comissário, e que, com pequenas variações naturais a evolução dos tempos, perdura até nossos dias, como principal agente de negócios de café, no que toca ao produtor, em nosso porto de exportação.

Esse sistema de venda operava-se em



Dr. Antonio de Queirós Telles

Santos da mesma forma que no Rio de Janeiro, onde, aliás, em tempos idos, teve muito maior importância que em nosso Estado. Já nos últimos decênios do século XVIII se efetuavam vendas de café em Santos, mediante comissão, sendo o produto despachado para Portugal, de onde era reexportado para os seus destinos definitivos, visto não ser então permitido o livre comércio do Brasil com o estrangeiro, que só mais tarde, em 1808, se realizou pela abertura dos portos do país ao comércio internacional, no reinado de D. João VI.

O café, naquela época cultivado nas regiões do chamado norte do Estado (realmente leste) de onde se escoava por portos como S. Sebastião e Ubatuba, e nas proximidades de Jundiá, Itui e Campinas, era transportado ao porto de mar, nesse caso Santos, por meio de tropas, pois não existiam as estradas de ferro. Os comerciantes exportadores, então em número muito limitado, eram no geral estrangeiros, predominando os ingleses, holandeses e alemães.

Os comissários vendiam-lhes o café dos fazendeiros e eles, por sua vez, o revendiam aos consumidores. O lucro que auferiam os comissários nesse negócio parece ter sido sempre a comis-

são de 3% que até hoje tradicionalmente vigora em Santos. Em tempos mais remotos esses comerciantes recebiam em pagamento do seu serviço outros gêneros de produção do fazendeiro, como era o caso de açúcar, e entregavam por sua vez produtos de importação de que os fazendeiros mais precisavam como o sal e os tecidos.

O sistema de contas de vendas diretas ao produtor parece ter tido o seu início no século passado.

Nos primeiros, decênio desse século já existiam em Santos, isto é, especializadas no serviço, operando quase que única e diretamente no negócio do recebimento do produto a consignação, e representando no fazendeiro a conta de venda, da qual era deduzida a sua comissão.

Alguns exemplares dessas contas ainda se encontram em poder de pessoas que se interessam por antiguidades.

UMA CURIOSIDADE

A título de curiosidade vamos narrar um caso muito conhecido em nossa família, o qual representa uma forma, de certo pouco comum, da venda do produto naquele tempo. Em 1826 um tio-avô nosso, contando então dezessete anos, remeteu para Santos toda a safra de açúcar e café colhida na sua propriedade em Itú, despachando-a, em Santos, para a Europa num veleiro alemão, a cujo bordo ele seguiu com a sua produção, disposto a negociá-la e com os lucros fazer os seus estudos na Alemanha.

Realizou integralmente o seu intento, voltou ao Brasil seis anos mais tarde com o curso da Universidade de Heidelberg.

AS DOCAS DE SANTOS

A produção cafeeira do Estado de S. Paulo, foi no correr do século XIX, relativamente pequena. Sómente no último quartel desse século foi que ela se desenvolveu de forma notável, deixando à distância a da cana de açúcar, que lhe fazia concorrência. Passou de pouco mais de um milhão de sacas, que era em 1875, para 10.000.000 em 1901, a primeira das nossas grandes safras que marcaram a supremacia de S. Paulo na produção da valiosa rubrica, e tornaram Santos o mais importante empório do comércio produtor de café do mundo.

A organização da Companhia de Docas, desse pórtico, empresa nacional a cujo empreendimento capitalistas estrangeiros negaram o seu apoio por julgá-lo de resultados pouco satisfatórios às suas ambições, veio, por sua vez, emprestar grande incremento à importância de Santos nos negócios de café.

A PRODUÇÃO PAULISTA

O grande surto das plantações cafeeiras em S. Paulo originou-se, nos primeiros anos da República, da inflação papista que deu um suposto cunho de prosperidade àquela época, pela abundância de numerário e elevado preço do produto.

A produção paulista nestes últimos vinte e sete anos tem-se mantido na média dos 10.000.000 de sacas, com as naturais alternativas dos anos mais e menos prósperos.

O número de cafeeiros em produção no Estado, segundo dados oficiais, é atualmente, de 950.000.000, e a média total de produção tende sempre aumentar com as novas plantações em zonas recentemente abertas, mau grado o departamento das regiões mais antigas.

FOTOGRAFIAS

aceitamos, bôas, com visto rural para publicarmos nesta revista.